

SIMPÓSIO AT064

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA DE CRIANÇAS HAITIANAS RECÉM-CHEGADAS AO BRASIL: OS DESAFIOS DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS

SOARES, Giseli Pimentel
Universidade Municipal de São Caetano do Sul-USCS
gui.nat3@hotmail.com

APARÍCIO, Ana Sílvia Moço
Universidade Municipal de São Caetano do Sul -USCS
anaparcio@uol.com.br

Resumo: Neste trabalho, apresentamos resultados iniciais de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo investigar os desafios de professores na alfabetização e letramento de crianças haitianas que chegaram recentemente ao Brasil e ainda não compreendem o português. A pesquisa, de natureza exploratória, é realizada em escolas públicas municipais de Santo André, SP, onde há grande concentração de crianças haitianas matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como referencial teórico da pesquisa, consideramos as abordagens de alfabetização que vêm orientando as práticas dos professores no Estado de São Paulo e contribuições de estudos da abordagem intercultural no ensino do português como língua estrangeira (PLE). Como procedimentos metodológicos, realizamos entrevistas, em forma de narrativas, com duas professoras alfabetizadoras de uma escola. Resultados iniciais apontam que a escola não tem um projeto de acolhimento desses alunos; os professores dos anos iniciais não têm formação, na Pedagogia, para o ensino do português para estrangeiros, e apresentam dificuldade em estabelecer um diálogo com as crianças haitianas que, em minoria nas salas de alfabetização, acabam tendo dificuldade na alfabetização e assim não acompanham o restante da turma, que têm o português como língua materna.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento; Ensino de Português Língua Estrangeira; Migrantes haitianos; Formação de professores dos anos iniciais.

Abstract: In this paper, we present initial results of a masters study that aims to investigate the challenges of teachers in the literacy of Haitian children who have recently arrived in Brazil and still do not understand Portuguese. The exploratory research is carried out in municipal public schools of Santo André, SP, where there is a great concentration of Haitian children enrolled in the Elementary School. As a theoretical reference of the research, we consider the approaches of literacy that have been guiding the practices of teachers in the State of São Paulo and contributions of studies of the intercultural approach in the teaching of Portuguese as a foreign language (PLE). As methodological procedures, we are conducting interviews, in the form of narratives, with two teachers from one school. Initial results indicate that schools do not have a project to host these students; the teachers of the initial years do

not have training in Pedagogy for teaching Portuguese for foreigners, and they have difficulty to establish a dialogue with Haitian children who, in a minority in the class, they have difficulty in literacy and thus do not accompany the rest of the class, who have Portuguese as their mother tongue.

Keywords: Literacy; Portuguese Teaching as a foreign language; Haitian migrants; Training of elementary school teachers.

Introdução

Após o terremoto em grande escala ocorrido em 2010 no Haiti, o número de haitianos que procuram abrigo em território brasileiro vem aumentando. De acordo com os dados da Polícia Federal, foram 14.535 haitianos registrados que entraram no Brasil de forma legal após a catástrofe. Santo André, cidade da região do Grande ABC paulista, tornou-se o terceiro principal destino brasileiro dos haitianos, atrás apenas de Brasileira, cidade do estado do Acre, e da cidade de São Paulo. Residem atualmente na cidade de Santo André cerca de 900 haitianos.

Ao entrarem no município, os imigrantes tendem a matricular seus filhos em escolas da rede pública de ensino e, ao terem o primeiro contato com um ambiente escolar, muitas crianças que não têm o português como língua materna, apresentam dificuldade na aprendizagem dos conteúdos escolares. Quando se trata dos anos iniciais, o caso é ainda mais complexo, pois o professor, que geralmente não tem uma formação para o ensino de Português como Língua estrangeira, precisa alfabetizar e ensinar o novo idioma ao mesmo tempo. O Haiti tem o crioulo haitiano e o francês como línguas oficiais, mas a maioria da população tem o crioulo como língua primeira.

Neste trabalho, que é um recorte de uma pesquisa mais ampla que tem como objetivo principal investigar os desafios dos professores na alfabetização e letramento de crianças haitianas que chegam ao Brasil e que ainda não compreendem a Língua Portuguesa, consideramos como dados iniciais informações coletadas a partir de entrevistas narrativas realizadas com duas professoras que atuam em salas com presença de alunos haitianos, em uma

escola da rede municipal de Santo André, onde a procura por vagas para os filhos de migrantes é bastante alta.

1. Concepções de alfabetização

A partir do início da década de 1980, com as contribuições de estudos da área da Psicolinguística e as novas demandas sociais e políticas do Brasil, os métodos tradicionais de alfabetização começam a ser questionados e são propostas muitas mudanças, sobretudo para enfrentar o fracasso na alfabetização que já vinha ocorrendo nas décadas anteriores.

Nesse contexto, o pensamento construtivista, embasado nos estudos de Piaget, é introduzido nas propostas curriculares paulistas, tendo como referência os resultados das pesquisas desenvolvidas pelas pesquisadoras argentinas Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e seus colaboradores (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Tais estudos, denominados “Psicogênese da língua escrita”, focalizam o processo de aprendizagem da criança, o que coloca em questão a validade dos métodos de ensino e das teorias e práticas tradicionais e, portanto, das cartilhas.

Por isso, o enfoque construtivista, diferentemente dos métodos tradicionais, propõe que o melhor tipo de intervenção acontece quando o professor apresenta tarefas nas quais há um problema para resolver, ou seja, quando apresenta situações-problema. Por meio dessas situações, o professor pode acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e cooperar com ele. (WEISZ, 1988).

Vale ressaltar que, nesse mesmo período, juntamente com as propostas construtivistas de alfabetização, surgem as ideias do “letramento”, difundidas no Brasil, principalmente por Magda Soares. O letramento é considerado por essa autora como o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 1988, p. 47). O conceito de letramento refere-se aos usos cotidianos da escrita, inclusive na escola, pois a escrita está presente nos diferentes espaços sociais e culturais.

Soares (2004, p.16) propõe uma articulação da prática de alfabetização e da prática do letramento, comumente chamada de “alfabetizar letrando”. Nas palavras da autora:

[...] a criança alfabetiza-se, isto é, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita (SOARES, 2004, p.4).

Essa conciliação/articulação resulta em uma opção didática que pode ser assim resumida: “no processo de alfabetização escolar, devem-se respeitar as “fases” de construção, pela criança, do conhecimento sobre a língua escrita, mediante “trabalho com textos”, para se atingir o objetivo de “letrar” (MORTATTI, 2007, p. 162).

A alfabetização é, portanto, um fenômeno complexo, sendo muito difícil atribuir-lhe um único sentido. De qualquer modo, as novas abordagens da alfabetização instituídas nas orientações curriculares, desde o final da década de 1980, alteraram profundamente as concepções sobre os processos de aprendizagem da língua escrita no Brasil.

2. A abordagem intercultural no ensino do Português como língua estrangeira

Considerando os estudos sobre o ensino do Português como língua estrangeira (PLE), há várias abordagens. Uma delas é a intercultural, que defende o despertar do interesse dos alunos em aprender a nova língua através dos aspectos culturais, processo que, além de constituir o respeito sobre aquelas culturas que são diferentes da do aprendiz, ajuda no processo de transformação da sua própria cultura (MENDES, 2011).

O ensino de língua estrangeira à luz dos aspectos da interculturalidade considera o processo relacional entre duas ou mais culturas em certo

ambiente. Nesse processo, as diferentes culturas se fundem e se relacionam, dando assim o nascimento de uma “terceira cultura”, em um processo de hibridação, em que seus envolvidos não perderão sua cultura materna, mas irão transformar as suas. Mendes explica:

Ensinar e aprender línguas sob a orientação de uma abordagem que se pretende comunicativa e intercultural, de modo a promover experiências de vida entre diferentes culturas, significa contribuir para a criação dessas zonas fronteiriças, desses espaços “inter” e “entre” ou os entrelugares, “terceiros lugares” (MENDES, 2011, p.142, destaques do autor).

Em se tratando de crianças recém chegadas de outros países, e que ainda não têm definido o entendimento sobre o contexto de diversidade cultural e das relações culturais existentes em seu meio, há o cuidado de se ensinar a nova língua, para que não haja a negação da sua própria cultura em detrimento dessa nova na qual eles estão sendo inseridas.

Vale destacar que, nesse tipo de abordagem, não se quer colocar a cultura como um conteúdo de ensino e aprendizagem, assim como se faz com a gramática, e nem reduzir a curiosidades culturais sobre a língua em questão. Para Mendes (2008) e Almeida Filho (2007), o ensino da língua não deve se sobressair ao da cultura e vice versa, ambos devem sempre andar em consonância.

Ao considerarmos a abordagem intercultural, entendemos que o professor exerce um papel essencial no processo de alfabetização, pois cabe a ele não só oferecer a familiarização da cultura brasileira àquelas crianças que ainda não falam o português e estão inseridas em salas de aulas regulares, mas como também saber utilizar a cultura da criança imigrante como estratégia de ensino no processo de alfabetização do grupo e no contexto de socialização com os demais da sala. Dessa forma, contribui para levantar a autoestima do aluno na medida em que ele se sente acolhido e motivado para a aprendizagem da nova língua e, ao mesmo tempo, vai descobrindo novas maneiras de ver o mundo a sua volta sob outras perspectivas.

3. Os procedimentos metodológicos e os dados da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido seguindo o método da pesquisa exploratória, por meio de entrevistas narrativas com duas professoras alfabetizadoras de uma escola situada na região de Utinga, no município de Santo André, SP, onde há muitas crianças haitianas matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com os registros dessa unidade escolar, a chegada de crianças haitianas nessa escola deu-se início no ano de 2013, e em 2018 eram 21 alunos haitianos matriculados no Ensino Fundamental.

As duas professoras entrevistadas são formadas em Pedagogia e não possuem formação inicial ou continuada para o ensino de Português como língua estrangeira. Ambas tiveram alunos haitianos em suas salas, desde 2013. Atualmente, a Professora 1 leciona no primeiro ano e possui 1 criança haitiana em sua sala; a Professora 2 leciona no segundo ano e possui três crianças haitianas em sua turma.

Para a realização das entrevistas, seguimos as orientações de Schütze (2010), buscando formular perguntas que emergem dos objetivos da pesquisa, com base em tópicos centrais, sem interromper o entrevistado, mas motivando o prosseguimento da narrativa principalmente com recursos expressivos não-verbais, sem opinar ou apontar contradições na fala dos entrevistados. Assim, procedemos às entrevistas com as duas professoras, que autorizaram a gravação de suas falas em áudio, totalizando cerca de 2 horas de fala de cada uma. As entrevistas foram transcritas e analisadas com base na abordagem da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011).

Com base, então, na análise do material transcrito, levantamos três categorias: estratégias didáticas; dificuldades de comunicação; dimensão cultural. Quanto à primeira categoria, ressaltamos que as práticas de alfabetização de ambas professoras estão fundamentadas em uma concepção de alfabetização que privilegia o domínio do código da língua, por meio de estratégias de memorização e treino, o que acaba dificultando ainda mais a

aprendizagem do português pelos alunos. Não é possível perceber a perspectiva de alfabetizar letrando como defende Soares (2004).

Quanto às dificuldades de comunicação, observamos que as duas professoras atribuem ao comportamento das crianças haitianas em sala de aula, relatando que, no início, os primeiros alunos que chegaram à escola eram mais calmos e “esforçados”, e os que chegaram atualmente têm dificuldades de relacionamento, socialização e são bem mais agitados. Percebemos, pelas narrativas, que a concepção de aprendizagem das professoras requer alunos quietos, atentos e socializados ao contexto da aula. Uma das professoras entrevistadas atribui o “mau comportamento” em sala de aula a fatores ou dificuldades que essas crianças passaram em seu país natal ou têm passado no Brasil.

No que se refere à dimensão cultural, foi possível perceber que há uma preocupação das professoras com a cultura dessas crianças, por meio de trabalhos desenvolvidos em sala de aula que permitiram aos alunos compartilharem com os colegas a sua cultura por meio de: música em crioulo haitiano cantada pelas crianças haitianas, apresentação de dança pelos haitianos, a forma de penteados típicos da sua cultura apresentada por uma aluna haitiana. Enfim, são experiências ocasionais relatadas pelas professoras, mas sem planejamento prévio ou fazendo parte de um projeto mais amplo que tenha por objetivo promover a interculturalidade em sala de aula, que contribua também para a alfabetização e o letramento das crianças haitianas.

Conclusões

Considerando os dados iniciais de nossa pesquisa mais ampla, é possível reconhecer, antes de tudo, que ensinar o português como língua estrangeira nos anos iniciais, período em que se consolida a alfabetização, é um grande desafio para a escola, sobretudo em um contexto forçado, como é o caso dos haitianos, que não foi uma escolha, uma opção para aprender o português.

Também reconhecemos que há uma grande diferença entre ensinar PLE, em um grupo fechado onde todos falam outro idioma, cujo foco principal é a aquisição da Língua Portuguesa, e ensinar PLE em uma sala de aula de ensino regular, em uma escola pública, onde o imigrante é a minoria e está inserido em um grupo que já possui o Português como Língua Materna.

Por isso, é essencial que as escolas que recebem esses alunos pensem na formação dos professores, pois como apontaram as narrativas das professoras, sem essa formação necessária, elas têm como preocupação principal seguir seu planejamento e seus planos de aulas específicos para a sua turma, como um todo, desconsiderando a minoria que não fala o português.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MENDES, E. **Diálogos interculturais. Ensino e formação em português Língua estrangeira**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

MORTATTI, M. do R.L. **Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

SCHÜTZE, F. **Pesquisa Biográfica e entrevista narrativa**. Metodologias de pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro Jan./Apr. 2004.

WEISZ, T. As contribuições da Psicogênese da língua escrita e algumas reflexões sobre a prática educativa de alfabetização. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Ciclo Básico em Jornada Única: uma nova concepção de trabalho pedagógico**. São Paulo, FDE, 1998.